

MUDANÇAS NA BALANÇA NÓS-EU E SEUS REFLEXOS NA IDENTIDADE: CONSIDERAÇÕES SOBRE O CASO DA NOVA COZINHA BRASILEIRA

Debate ou discussão em teoria social

GT 29 - Otra globalización: nuevos saberes y prácticas científicas, literárias y artísticas

Renée Louise Gisele da Silva Maia
Juliana Resende Bonomo

RESUMO

A partir da revisão de conceitos expostos em duas obras significativas para a sociologia e para os estudos culturais – “A sociedade dos indivíduos” de Norbert Elias e a “Identidade cultural na Pós-modernidade” de Stuart Hall -, propôs-se uma reflexão sobre como as transformações na balança Nós-Eu teriam influenciado o surgimento de fenômenos como as identidades híbridas (ou deslocadas), a homogeneização cultural global e o retorno (ou reforço) do interesse pelo local. Para enriquecimento desta discussão, utilizou-se como ferramentas metodológicas, uma revisão bibliográfica das obras e um breve estudo de caso, tomando o movimento denominado de Nova Cozinha Brasileira como representante dessas novas relações entre indivíduo, espaço e cultura.

Palavras-chave: Identidade, Indivíduo, Sociedade.

INTRODUÇÃO

As transformações nas dinâmicas socioculturais características da contemporaneidade e seus reflexos, como a chamada *crise de identidade* descrita por Hall (2004), posicionam os conceitos de identidade, memória e cultura no foco de interesse de estudos socioculturais. Bauman (2012) destaca que a intensa atenção dada ao tema das identidades na atualidade é um fator esclarecedor e de grande relevância. Hall (2004) aponta ainda que “(...) a identidade somente se torna uma questão quando algo que se supõe como fixo, coerente e estável é deslocado pela experiência da dúvida e da incerteza.” (MERCER, 1990, p.43 *apud* HALL, 2004, p.9).

Partindo-se da relação de indissociabilidade entre indivíduo e sociedade defendida por Elias (1994), entende-se que as novas relações entre indivíduo, espaço e cultura são reflexos de transformações no tecido social. Assim, estas mudanças seriam também responsáveis por fenômenos apontados por Hall (2004) como o surgimento de identidades deslocadas, a homogeneização cultural global e o retorno (ou reforço) do interesse pelo local.

Propõe-se, nesta comunicação, dois momentos de reflexão que dialogam entre si. No primeiro, buscou-se realizar uma revisão teórica das obras “A sociedade dos indivíduos”¹ de Norbert Elias e “A identidade cultural na pós-modernidade” de Stuart Hall. A revisão das abordagens supracitadas objetivou favorecer a compreensão de como mudanças na balança Nós-Eu teriam influenciado o surgimento de processos de identificação mais difusos e dinâmicos, influenciando, ainda, o surgimento desses fenômenos já mencionados.

¹ É interessante salientar que “A sociedade dos indivíduos” é composta de três ensaios inter-relacionados, estando o terceiro - “Mudanças na Balança Nós-Eu” (1987) – sob maior enfoque para a discussão aqui proposta.

No segundo momento, considerando-se os bens culturais como produto das relações sociais, propôs-se um breve estudo de caso da Nova Cozinha Brasileira. Esse movimento teve como seu precursor o *chef* Claude Troigros que, ao chegar ao Brasil em 1979, impossibilitado de exercer uma cozinha francesa com seus ingredientes típicos, aplicou técnicas da cozinha francesa aos ingredientes brasileiros. Buscou-se nesta etapa, observar como a compressão do espaço-tempo e a globalização propiciaram o surgimento do que pode ser chamado de um produto cultural deslocado ou híbrido como a Nova Cozinha Brasileira.

I. NORBERT ELIAS E AS TRANSFORMAÇÕES NA BALANÇA NÓS-EU:

(...) a relação entre indivíduo e sociedade é tudo menos imóvel. (ELIAS, 1994, p. 145)

Elias (1994) defende que as relações entre os indivíduos seriam responsáveis pelo surgimento de tensões, funções relacionais e interdependências, as quais estão diretamente ligadas à formação da individualidade e do tecido social. Rejeitando a compreensão de indivíduo e sociedade como conceitos opostos ou dissociáveis, propõe que “(...) para compreendê-los, é necessário desistir de pensar em termos de substâncias isoladas e únicas, e começar a pensar em termos de relações e funções.” (ELIAS, 1994, p.25).

No terceiro ensaio desta obra - Mudanças na balança nós-eu -, o autor demonstra como o surgimento da noção de “indivíduo” esteve associada a um contexto histórico-social onde as diferenças entre as pessoas são cada vez mais valorizadas, passando a balança nós-eu a tender para o eu, em detrimento do nós.

Elias (1994) explica que desde a Idade Média na Europa, o equilíbrio da balança nós-eu começou a passar por mudanças, tendendo cada vez mais para o indivíduo a partir do Renascimento. Além disso, defende que o “*cogito, ergo sum*” de Descartes - através de sua ênfase no eu - teve um papel marcante nessa mudança da autoimagem humana e na posição do indivíduo na sociedade. Para ele, grande parte da tradição clássica da filosofia do conhecimento apoia-se “(...) na idéia de que o ser humano que tenta chegar ao conhecimento é um ser isolado que deve permanecer eternamente em dúvida quanto a se os objetos, e, portanto, as pessoas, realmente existem fora dele.” (p. 163).

O autor esclarece que esse processo de crescente individualização seria um reflexo de movimentos de integração, como a conjunção de diversas tribos em uma unidade² estatal, ou das próprias unidades estatais em um panorama global. Diante destas integrações, o indivíduo situar-se-ia cada vez mais distante dos centros de poder que decidem os rumos da unidade social. Dessa forma, o aumento do grau de integração e de complexidade das sociedades estaria associado à redução do potencial de transformação social do indivíduo, o qual ele denomina como "margem individual de decisão". Em suma, o desenvolvimento de tipos de unidades sociais mais populosos e complexos estaria diretamente relacionado a um crescente processo de individualização.

“(...) o avanço para uma nova forma dominante de um tipo mais complexo e mais abrangente de organização humana caminha de mãos dadas com uma nova mudança e um padrão diferente de individualização. Os cânones comportamentais e especialmente o campo da identificação entre uma pessoa e outra modificam-se de maneira específica com a transição para um novo estágio de integração.” (ELIAS, 1994, p.139).

² Esta reflexão não pretende presumir uma uniformidade ou homogeneidade dos Estados-Nação formados nesta integração, mas compreender o processo que envolveu partes (grupos, tribos) que anteriormente eram representativas de uma unidade social por si só.

Outro ponto observado pelo autor é o duplo efeito que o Estado desempenharia sobre o indivíduo: por um lado, eliminando as diferenças entre as pessoas – “nos registros e órgãos estatais, o indivíduo é basicamente despojado de sua personalidade” (ELIAS, 1994, p.149) – e, por outro,

“a moderna organização estatal não se relaciona com as pessoas como irmãos ou tios, como membros de um grupo familiar ou de uma das outras formas pré-nacionais de integração, e sim com as pessoas como indivíduos. No estágio atual e mais recente de desenvolvimento, o processo de formação das nações dá sua própria contribuição para um avanço da individualização em massa.” (p. 149).

Elias (1994) aponta ainda, que em períodos de transição, quando as partes ainda não constituíram ou estão em processo de constituição de uma nova unidade, podem ocorrer nos indivíduos, conflitos de identificação, conflitos de lealdade.

“A mudança da identidade-nós que ocorre durante a transição de um estágio de desenvolvimento para outro também pode ser elucidada em termos de um conflito de lealdades. A formação tradicional da consciência moral, o *ethos* tradicional de apego à antiga unidade de sobrevivência, representada pela família ou pelo clã – em suma, o grupo mais estreito ou mais amplo de parentesco -, determina que um membro mais abastado não deverá negar nem mesmo aos parentes distantes uma certa medida de ajuda, caso eles a solicitem. Assim, fica difícil para as altas autoridades de uma nação recém-independente recusar apoio a seus parentes quando eles tenham que conseguir um dos cobiçados cargos estatais, mesmo subalternos. Considerada em termos da ética e da consciência das nações mais desenvolvidas, essa nomeação de parentes no preenchimento de cargos estatais é uma forma de corrupção. Em termos de consciência moral pré-nacional, ela constitui um dever e, uma vez que todos a praticam na luta tribal tradicional pelo poder e pelo *status*, uma necessidade. Na transição para um novo nível de integração, portanto, há conflitos de lealdade e consciência que são, ao mesmo tempo, conflitos de identidade pessoal”. (ELIAS, 1994, p.148).

Apesar de observar que um processo de transição para a integração da humanidade num plano global estaria, ainda, em um estágio primitivo de desenvolvimento, Elias (1994) sinaliza que “há muitos sinais da emergência de um novo sentimento global de responsabilidade pelo destino dos indivíduos desvalidos, independentemente de seu Estado ou tribo - em suma, de sua identidade grupal.” (ELIAS, 1994, p.139).

Outro fator importante apontado por ele é a diferenciação no grau de complexidade das possibilidades de participação e pertencimento social ao longo do tempo. Se, em períodos primitivos, o “nós” em referência ao indivíduo era mais delimitado e homogêneo, composto por uma única camada, “na estrutura atual da sociedade humana, ao contrário, a expressão ‘nós’ – e, portanto, também o *habitus* social dos indivíduos num sentido mais amplo - tem muitas camadas.” (ELIAS, 1994, p.166).

O autor argumenta que no passado o indivíduo identificava-se socialmente em relação a um “nós” referencial único ou central, em geral representado pela família ou pelo clã. Já nas sociedades complexas, o que ocorre é uma difusão de possibilidades – e até mesmo de necessidades – de pertencimento: “as pessoas podem dizer “nós” a respeito de suas famílias ou amigos, dos lugarejos ou cidades em que moram, das nações, das unidades pós-nacionais que congregam diversas nações e, finalmente, da humanidade.” (ELIAS, 1994, p.166).

O funcionamento destas formas sociais mais complexas

“[...] requer do indivíduo maior circunspeção, formas de autocontrole mais conscientes e menor espontaneidade dos atos e do discurso no estabelecimento e na administração das relações”. (p.167).

Em suma, as transformações no tecido social, apresentadas por Elias (1994) como mudanças na balança nós-eu, demonstram como o indivíduo teria sido, ao longo do curso histórico, cada vez mais distanciado ou desligado de suas unidades sociais de referência. Este processo de crescente individualização teria resultado em novas relações entre indivíduo e coletividade. Se antes o referencial social de um indivíduo era mais central, delimitado e homogêneo, na contemporaneidade esta influência torna-se cada vez mais difusa e dinâmica.

II. STUART HALL E AS NOVAS IDENTIDADES:

Hall (2004) avalia o que denomina como uma *crise de identidade* na contemporaneidade, assim como os acontecimentos que teriam precipitado esse fenômeno, e quais as suas consequências. Toda sua discussão origina-se da observação de que as identidades modernas estariam sendo “deslocadas” ou “fragmentadas” no cenário atual. Segundo o autor, as mudanças rápidas e constantes, características deste contexto estariam influenciando processos de transformação identitária.

“Isso está fragmentando as paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade, que, no passado, não tinham fornecido sólidas localizações como indivíduos sociais. Estas transformações estão também mudando nossas identidades pessoais, abalando a ideia que temos de nós próprios como sujeitos integrados. Esta perda de um ‘sentido de si’ estável é chamada, algumas vezes, de deslocamento ou descentração do sujeito. Esse duplo deslocamento dos indivíduos - tanto de seu lugar no mundo social e cultural quanto de si mesmos - constitui uma ‘crise de identidade’ para o indivíduo.” (HALL, 2004, p. 9)

Hall (2004) defende a ideia de que o sujeito contemporâneo não possuiria mais uma identidade unificada e estável, mas identidades cada vez mais múltiplas ou híbridas. Para ele, é possível existir, em um indivíduo, identidades muitas vezes contraditórias e conflituosas, direcionando-o em direções diversas ou até mesmo opostas.

Hall (2004) também problematiza como este sujeito “fragmentado” estaria posicionado em termos de sua identidade nacional. O autor argumenta que “as identidades nacionais não são coisas com as quais nascemos, mas são formadas e transformadas no interior da representação.” (HALL, 2004, p.48) A nação, então, mais do que uma representação política, seria um sistema de representação cultural, uma comunidade simbólica, o que explicaria o seu poder para gerar um sentimento de identidade.

Partindo da noção de “comunidades imaginadas” proposta por Anderson (1983), Hall (2004) defende que as culturas nacionais são compostas não apenas de instituições culturais, mas também de símbolos e representações. A cultura nacional seria, portanto, um discurso – “um modo de construir sentidos que influencia e organiza tanto nossas ações quanto a concepção que temos de nós mesmos.” (HALL, 2004, p. 50). Esse discurso, por sua vez, seria composto por divisões e diferenças internas, pois no mundo moderno, nenhuma nação é composta de um só povo ou de uma só cultura, sendo, todas elas, híbridos culturais. Portanto, “em vez de pensar as culturas nacionais como unificadas, deveríamos pensá-las como constituindo um dispositivo discursivo que representa a diferença como unidade ou identidade.” (HALL, 2004, p. 62)

Embora essas culturas nacionais tenham representado um importante referencial para a modernidade, Hall (2004) observa que desde final do século XX, um complexo de processos e forças de mudança estariam “deslocando” as identidades culturais nacionais. Esse conjunto de mudanças pode ser sintetizado pelo termo globalização.

Um dos desdobramentos deste fenômeno seria a compressão do espaço-tempo responsável por encurtas distâncias e transformar o potencial de influência de acontecimentos ao redor do globo. Este

efeito teria, com isso, um impacto significativo sobre a identidade, já que o tempo e espaço representam, também, coordenadas básicas de todos os sistemas de representação. A preocupação aqui é com a suposta homogeneização cultural promovida pela globalização e que apresentaria, como resultado, a desintegração das identidades nacionais.

De fato, na medida em que é intensificado o diálogo ou as interações entre as nações e as influências externas, é praticamente impossível falar em identidades nacionais intactas ou que não tenham sofrido transformações diante de novos contextos interacionais. Mas Hall (2004) não está preocupado com uma suposta perda de autenticidade, mas as novas tensões entre o “global” e o “local” na novas dinâmicas destas novas identidades. Dentro destas tensões, rejeita que as identidades nacionais estejam sendo, então, homogeneizadas como reflexo de uma globalização potencializada na contemporaneidade, apresentando três argumentos contestatórios.

O primeiro deles estaria ligado a presença de uma fascinação com a diferença, muitas vezes relacionada a uma mercantilização da etnia. Nesse sentido, o interesse pelo local caminharia junto com o impacto do global. Assim, uma articulação entre estas instâncias levaria, para Hall (2004), à produção e articulação de novas identificações “globais” e “locais”, e não à destruição de identidades nacionais através de uma homogeneização global.

Além disso, Hall (2004) atesta que este processo acontece de forma desigual por todo o mundo e entre as regiões e os diferentes estratos da população. Dessa forma, enquanto em algumas regiões, ela pode tender a uma homogeneização das culturas, em outras, pode até mesmo reforçar as identidades locais – por exemplo, quando grupos étnicos dominantes se sentem ameaçados pela presença de outras culturas - ou produzir novas identidades.

Por fim, Hall (2004) chama atenção para o fato de que a globalização parece representar um fenômeno essencialmente ocidental.

“(…) o capitalismo global é, na verdade, um processo de ocidentalização – a exportação de mercadorias, dos valores, das prioridades, das formas de vida ocidentais. Em um processo de desencontro cultural desigual, as populações “estrangeiras” têm sido compelidas a ser os sujeitos e os subalternos do império ocidental, ao mesmo tempo em que de forma não menos importante, o Ocidente vê-se face a face com a cultura alienígena e exótica do seu outro. A globalização, à medida que dissolve as barreiras da distância, torna o encontro entre o centro colonial e a periferia colonizada imediato e intenso.” (ROBBINS, 1991, p. 25 *apud* HALL, 2004, p. 78).

Hall (2004), conclui, assim, que a globalização tem efeitos pluralizantes sobre o “deslocamento” e a “fragmentação” das identidades locais, o que implica no surgimento de novas formas de identificação, menos fixas e unificadas, e mais flexíveis. Além disso, estariam surgindo, em toda parte, identidades culturais em transição, identidades não-fixas e resultantes do cruzamento ou de misturas culturais cada vez mais comuns no mundo globalizado.

Ao dialogar com Robins (1991), o autor apresenta os conceitos de “Tradição” e “Tradução”, explicando que o primeiro representaria uma tentativa nostálgica de identidades de recuperar uma suposta unidade ou pureza perdida. Já o segundo, envolveria as identidades daqueles que ultrapassaram as fronteiras de suas nações e foram dispersados, para sempre, de seus locais de origem. Estes não seriam casos de um retorno ao passado, mas de uma negociação - por opção ou necessidade – de seus vínculos culturais de origem com as novas culturas nas quais se inserem, construindo, por fim, novas formas de identidade.

O autor indica que esses sujeitos transportados entre fronteiras poderiam ser denominados sujeitos “traduzidos” ou “transferidos”. Embora tragam consigo traços de sua cultura, das suas tradições, das suas linguagens e das suas histórias, estes indivíduos estão cientes de que suas identidades jamais serão unificadas, por serem, irrevogavelmente, produto de uma mistura de culturas.

Essas “culturas híbridas constituem um dos diversos tipos de identidade distintivamente novos produzidos na era da modernidade tardia.” (HALL, 2004, p. 89).

Hall (2004) aponta ainda a posição de alguns autores que defendem estes hibridismos como fontes de uma criatividade cultural capaz de produzir novas formas de cultura mais apropriadas às dinâmicas contemporâneas.

Conclui-se, portanto, que, para Hall (2004), a globalização não estaria nem homogeneizando as culturas e nem mesmo triunfando sobre as velhas culturas nacionais. Para ele, ela seria responsável por novas articulações entre o “global” e o “local”, gerando transformações identitárias como o “deslocamento” ou “fragmentação”, e a hibridização cultural do sujeito moderno.

III. O CASO DA NOVA COZINHA BRASILEIRA E O CHEF CLAUDE TROIGROS;

Claude Troigros é o *chef* francês mais brasileiro do país. Assim ele é citado tanto por *chefs* estrangeiros como Laurent Suaudeau quanto por *chefs* brasileiros como Alex Atala e Roberta Sudbrack. Chamado de “embaixador” da Nova Cozinha Brasileira por Atala e de *chef* com “*pedigree* francês e alma brasileira” por Sudbrack, o próprio Troigros se denomina “carioca de Roanne”, tamanha é a sua identificação com a cidade do Rio de Janeiro e com o Brasil. (TROIGROS, 2007).

A fama de embaixador da Nova Cozinha Brasileira, um movimento culinário que mistura as técnicas tradicionais francesas com ingredientes típicos brasileiros, foi conquistada aos poucos pelo *chef*. Ao chegar ao Brasil em 1979, para trabalhar como no restaurante *Le Pré Catelan*, no Rio de Janeiro, Troigros afirma ter encontrado “um Brasil tímido em termos de gastronomia”. Em entrevista para o site *Quero Comer*, ele relata que “(...) tínhamos algumas cozinhas internacionais, mas não ingredientes tradicionais da culinária francesa como bons azeites, creme de leite e manteiga. Por outro lado, encontrávamos uma boa manteiga de garrafa, um maracujá doce e perfumado, o aipim e muitos outros.”³

E assim foram nascendo pratos característicos da sua Nova Cozinha Brasileira como o crepe *soufflé* de maracujá, o filé de linguado grelhado com banana, o *ravioli* recheado de *mousseline* de inhame em molho aveludado de trufa branca, o *cheesecake* caramelado com calda de goiaba e a famosa codorna recheada com farofa de cebola e passas ao molho de jabuticaba, servido ao ex-presidente Fernando Henrique Cardoso.

Nascido em uma família de *chefs* renomados como o avô Jean-Baptiste, o pai Pierre e o tio Jean, Claude Troigros herdou de seus antepassados a técnica da cozinha francesa e os princípios do movimento conhecido como *Nouvelle Cuisine*, que aconteceu na França no final dos anos 60, e que teve o seu pai e o seu tio como alguns de seus precursores.

Segundo Atala & Dória (2008), o movimento da *Nouvelle Cuisine* passou por dois momentos. O primeiro, na década de 70, veio responder a uma demanda por uma cozinha mais leve, com a simplificação dos molhos e substituição pelo *coulis*, a adoção de verduras e legumes como acompanhamentos de carnes, peixes e aves, a valorização do produto regional e a adoção de uma estética japonesa, onde os pratos, não mais servidos em baixelas, passaram a ser empratados e servidos individualmente.

No segundo momento, sob a influência dos *chefs* franceses Claude Troigros e Paul Bocuse na hotelaria brasileira, houve uma diáspora mundial da nova geração de *chefs* formada na escola da *Nouvelle Cuisine* e, com isso, uma valorização dos produtos locais, adaptados ao novo cânone. Já no Brasil, seguindo suas bases de privilegiar os produtos frescos e regionais, o *chef* Claude Troigros inovou ao eleger ingredientes tipicamente brasileiros para a elaboração de receitas tradicionais de seu país a partir das técnicas da alta gastronomia.

³ Disponível em [<http://www.querocomer.com.br/noticia/2012/04/claude-troigros>] Acessado em 01/07/2012

Com o surgimento da Nova Cozinha Brasileira, Troigros relata que

“passou a servir nos restaurantes o que antes só se comia em casa. E os chefs brasileiros estão, a cada dia, mais preocupados em utilizar ingredientes nacionais em suas criações. (...) E os brasileiros, que tendem a criticar o que têm, estão mudando e aprendendo a valorizar os sabores de sua terra.” (QUELEM, 2012)

Percebemos, com isso, que esse movimento iniciado por Troigros teve dois impactos: um, entre os chefs brasileiros, que passaram a adotar os ingredientes do país em seus cardápios e outro, nos clientes, que passaram a valorizar o produto da terra que antes era visto apenas como parte da comida cotidiana e caseira.

Podemos dizer que o *chef* Claude lançou uma tendência gastronômica e, atualmente, vários *chefs* brasileiros que estão trilhando o mesmo caminho. Entre eles, podemos citar o *chef* Rodrigo Oliveira do restaurante *Mocotó*, Luíza Trajano do *Brasil a Gosto*, Roberta Sudbrack do restaurante de mesmo nome, Pedro Artagão do *Irajá*, Felipe Bronze do *Oro* e, fora do circuito Rio – São Paulo, o *chef* Cesar Santos da Oficina do *Sabor em Olinda*, Ivo Faria do *Vecchio Sogno* em Belo Horizonte e o falecido *chef* Paulo Martins do *Lá em Casa* em Belém.

Vejamos, agora, o segundo impacto que a Nova Cozinha Brasileira causou no país: a valorização dos produtos da terra entre os próprios brasileiros. Segundo o depoimento de outro *chef* francês, Laurent Suaudeau, que chegou ao Brasil na mesma época em que o *chef* Claude, o mais difícil foi fazer a clientela do restaurante em que trabalhava, o *Le Saint-Honoré*, a aceitar a nova proposta.

“Naquele momento, predominava no Rio uma cozinha extremamente profissional, baseada em clichês gastronômicos da culinária francesa. As pessoas achavam que eu era doido por colocar nos pratos aipim e maracujá ou por usar tucupi no lugar do vinagre. Eram produtos encontrados na cozinha doméstica, em casa de gente pobre.” (SUAUDEAU, 2004, p. 54)

Para o *chef* Laurent, o que ajudou no sucesso do novo cardápio foi o fato de que, na época, o Rio de Janeiro era frequentado pela alta sociedade internacional e as novas receitas foram muito bem aceitas por esse tipo de clientela. Esse fato ajudava o novo *menu* do *Le Saint-Honoré* a estar sempre nas colunas sociais, nos artigos dos jornais cariocas e até da imprensa francesa. Produtos brasileiros fazendo sucesso com estrangeiros. Foi assim que o Brasil passou a olhar para si mesmo e a valorizar o que tem em termos gastronômicos.

Encontramos a explicação para a origem dessa desvalorização do produto nacional em Casa Grande & Senzala (2006), do sociólogo Gilberto Freyre, que aponta a influência estrangeira no final do século XIX como o principal motivo da desafricanização da mesa brasileira que, até os primeiros anos da Independência estivera sob maior influência da África e dos frutos indígenas. Foi a partir daí que os ingredientes europeus começaram a tomar mais importância na cozinha local, tais como a batata inglesa, os chás e a manteiga. Do mesmo modo, o pão veio substituir o beiju de tapioca, a farofa e o pirão. A europeização da mesa também trouxe como consequência um menor consumo de legumes e vegetais tão característicos da alimentação africana. Ao mesmo tempo, o brasileiro passou a ter vergonha de suas sobremesas típicas tais como o melado com farinha e a canjica com açúcar.

Dessa forma, no final do século XIX, como aponta Gilberto Freyre, com a influência européia, a cozinha brasileira sofre uma *desafricanização*, paralelamente a uma *europeização*. No entanto, isso não gerou, uma homogeneização uniforme ou definitiva das culturas pois, concomitantemente, subsistia uma cozinha brasileira caseira, com ingredientes típicos, embora ainda fosse vista como de menor valor ou menos nobre se comparada à culinária européia.

Como apontado por Hall (2004), alguns teóricos destacam o potencial criativo dessas novas formas de hibridismo e tradução cultural. No caso abordado, o que surgiu foi uma nova leitura da

cozinha brasileira que, graças às influências externas, reforçou o interesse pelo local. Enquanto o *chef* Claude Troigros transita entre as identidades francesa e brasileira, se autodenominando, em seu sotaque carregado, “*carrioca*”, a cozinha brasileira se redescobre, se adapta, apurando-se nas técnicas francesas, porém reforçando a valorização dos produtos locais.

IV. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao descrever um processo integrador que, por um lado, distanciou o indivíduo dos centros de decisão de suas unidades de referência, e por outro, contribuiu para o surgimento de uma identificação humana em nível global, Elias (1994) aborda transformações sociais muito relevantes para a melhor compreensão dos fenômenos identitários apontados por Hall (2004). Através de uma crescente individualização, a influência de um grupo para o indivíduo tornou-se cada vez mais difusa e dinâmica, diminuindo o potencial individual de transformação social. Mudam as relações entre indivíduo, cultura e espaço; o global e local adquirem novos significados. O indivíduo, que antes tinha como referencial um grupo delimitado e significativamente mais determinante, passou a estar inserido em contextos cada vez mais heterogêneos, complexos e até mesmo conflituosos.

A tentativa de criar identidades nacionais na forma de *comunidades imaginadas* teria significado, então, uma etapa deste processo que diminuiu a margem individual de decisão ao mesmo tempo em que confrontou a indivíduo com novas informações e culturas. Hall (2004) destaca a importância da compreensão deste momento ao afirmar que “(...) quando vamos discutir se as identidades nacionais estão sendo deslocadas, devemos ter em mente a forma pela qual as culturas nacionais contribuem para “costurar” as diferenças numa única identidade.” (Hall, 2004, p.65).

Ambos os autores apontam a questão da crescente mobilidade dos indivíduos no espaço como fator transformador do tecido social. Hall (2004), dedicou-se mais profundamente à compreensão dessa questão, em especial quanto à observação dos casos de transformações identitárias em migrantes e exilados.⁴ Elias (1994), por sua vez, aponta que essa mobilidade dos indivíduos, seja como turistas, seja como emigrantes, é mais um aspecto dessa mudança social ocorrida na modernidade. Essa mobilidade, por sua vez, é um fenômeno de massa e pode ser experimentada por amplos setores das populações dos países mais desenvolvidos.

Os processos de integração descritos por Elias (1994), assim como a ascensão do turismo de massa, os avanços nas tecnologias de informação e comunicação, e os novos fluxos de migrações e exílios, bem trabalhados por Hall (2004), representam verdadeiros promotores da interação entre diferenças. Em nenhum outro momento pôde-se observar tamanha diversidade e interatividade cultural, resultando de processos intensos, constantes, dinâmicos e heterogêneos de articulação, troca e negociação. A globalização e a compressão do espaço-tempo confrontam o indivíduo com a diferença, oferecendo-lhe novas possibilidades de identificação e, até mesmo, gerando novas necessidades de adaptação cultural e identitária.

Conclui-se, por fim, que o caso da Nova Cozinha Brasileira exemplifica alguns dos pontos abordados por Hall (2004). O que ocorreu não foi uma simples homogeneização das identidades; não houve mera sobreposição de uma cultura sobre a outra. Apesar de, em primeiro momento, ter havido um enfraquecimento do interesse pelo local, o processo de tradução cultural aqui envolvido, representou também o que Hall (2004) chama de o “retorno da etnia”. A coexistência de duas culturas teria gerado, assim, um movimento gastronômico de identidade híbrida, onde os indivíduos e seus produtos culturais refletem novas relações de pertencimento e identificação.

⁴ Ver HALL, Stuart. *Da Diáspora: identidades e mediações culturais*. Org. Liv Sovik. Belo Horizonte: Editora UFMG, Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2003.

Um fator interessante neste caso é que a iniciativa partiu de um chef imigrante que, sem opções e possibilidade de exercer uma cozinha francesa com seus ingredientes típicos, passou a utilizar os produtos locais, ressignificando-os no contexto local. Este é, portanto, é um exemplo de um processo onde o interesse pelo local foi reforçado pela influência estrangeira, não como forma de resistência, mas como o resultado de uma tradução cultural do próprio imigrante que se viu diante da necessidade de negociar entre duas culturas.

Tais discussões fundamentam, ainda, possíveis reflexões posteriores sobre os jogos de poder envolvidos nestes processos de influência cultural e de transformação identitária aqui abordados. Se, como defende Hall (2004), o que assistimos não é um processo puro e simples de homogeneização cultural global - mas, movimentos de troca, articulação e negociação -, questionar e compreender os diferentes potenciais de influência cultural é fundamental para uma melhor compreensão das dinâmicas socioculturais na contemporaneidade.

O caso da Nova Cozinha Brasileira representa, portanto, uma identidade híbrida, articulada em um processo de negociação e não de substituição sociocultural. Além disso, a articulação da tradição das técnicas gastronômicas francesas - representantes da tradição - com os ingredientes típicos brasileiros - representantes do exótico - exemplifica uma ressignificação do local ou o retorno da etnia, como descrito por Hall (2004). Todo este processo é, assim, resultado de transformações no tecido social, que promovem, cada vez mais, a interação entre diferenças. Cabe aos pesquisadores, portanto, a busca pela melhor compreensão da geometria do poder (Massey, 2000) desses movimentos.

V. REFERÊNCIAS

ANDERSON, B. (2003). *Comunidades imaginadas*. México, S. XXI.

ATALA, A. & DORIA, C. A. (2008). *Com unhas, dentes e cuca: prática culinária e papo-cabeça ao alcance de todos*. São Paulo: Editora Senac São Paulo.

ELIAS, N. A (1994). *A sociedade dos indivíduos*. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar Editor.

FREYRE, G. (2006). *Casa-grande & senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal*. 51ª ed. Rev. São Paulo: Global.

HALL, S. (2003). *Da Diáspora: identidades e mediações culturais*. Org. Liv Sovik. Belo Horizonte, MG: Editora UFMG, Brasília: Representação da UNESCO no Brasil.

HALL, S. (2004). *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro, RJ: DP&A.

MASSEY, D. (2000) *Um sentido global de lugar*. In: ARANTES, Antônio A (org). *O espaço da diferença*. Campinas, SP: Papius.

POLLAK, M. (1992) *Memória e identidade social*. Estudos Históricos, Rio de Janeiro: v.5, n.10, p.1-15.

QUELEM, N. (2012) *A maravilhosa cozinha do Claude Troigros: com a mesma simplicidade com que cozinha, chef fala sobre a nova culinária brasileira, os avanços e a popularização da gastronomia aqui no país*. Acessado em: 01/07/12 de: [<http://www.querocomer.com.br/noticia/2012/04/claude-troigros>]

ROBINS, K. (1991) *Tradition and translation: national culture in its global context*. In: Corner J, Harvey S, organizers. *Enterprise and heritage: crosscurrents of national culture*. Londres: Routledge.

SUAUDEAU, L. (2004) *Cartas a um jovem chef: caminhos no mundo da cozinha*. Rio de Janeiro: Elsevier.

TROIGROS, C. (2007). *Receitas originais do chef Claude Troigros*. São Paulo: Larousse do Brasil.